

TICIANE FLÁVIA MARTINS DA CRUZ



VAMOS AO MUSEU?

**UM CONVITE PARA O DIÁLOGO ENTRE O MUSEU E A ESCOLA, A PARTIR DE
EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS EM ARTE**

Especialização em Ensino de Artes Visuais

Belo Horizonte
Escola de Belas Artes da UFMG
2015

TICIANE FLÁVIA MARTINS DA CRUZ

VAMOS AO MUSEU?

**UM CONVITE PARA O DIÁLOGO ENTRE O MUSEU E A ESCOLA, A PARTIR DE
EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS EM ARTE**

Especialização em Ensino de Artes Visuais

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientador: Prof. Dr. Maurílio Andrade Rocha

Belo Horizonte
Escola de Belas Artes da UFMG

2015

Cruz, Ticiane Flávia Martins.

Vamos ao Museu?

Um convite para o diálogo entre o museu e a escola, a partir de experiências educativas em Arte: Especialização em Ensino de Artes Visuais / Ticiane Flávia Martins da Cruz. – 2015.

60 f.

Orientador: Maurílio Andrade Rocha

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

1. Artes visuais – Estudo e ensino. I. Cruz, Rocha, Maurílio Andrade. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes. III. Título.

CDD: 707



Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Belas Artes
Programa de Pós-Graduação em Artes
Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais

Monografia intitulada *Vamos ao Museu? Um convite para o diálogo entre o museu e a escola, a partir de experiências educativas em Arte*, de autoria de Ticiane Flávia Martins da Cruz, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Dr. Maurílio Andrade Rocha - Orientador

Dra. Mariana de Lima e Muniz

Prof. Dr. Evandro José Lemos da Cunha
Coordenador do CEEAV-TC
PPGA – EBA – UFMG

Belo Horizonte, 2015

AGRADECIMENTOS

Agradeço à força criadora, à minha família e aos amigos do curso, em especial ao Fábio Souza, Irineu Lopes e Flávia Abreu pelos encontros afetuosos aos sábados.

Sou a grata a todos aqueles que de alguma forma contribuíram para a realização deste trabalho. À Andréia de Bernardi, responsável pelo programa *Vamos ao Museu?*, a todos os professores e tutores do curso, em especial à professora Daniela Maura, e ao meu orientador, Maurílio Andrade Rocha, pelos direcionamentos e por me transmitir segurança e tranquilidade durante o desenvolvimento desta pesquisa

*só existe saber na invenção, na reinvenção,
na busca inquieta, paciente, permanente,
que os homens fazem no mundo, com o
mundo e com os outros.*

Paulo Freire

RESUMO

O presente estudo consiste em investigar a metodologia do programa *Vamos ao Museu?* com foco na sua experiência de ensino em artes visuais, que busca estabelecer um diálogo entre o museu de arte e a escola, a fim de identificar possíveis caminhos para a construção de conhecimento em Arte. Com o intuito de compreender esse processo educativo que envolve as redes formais e não formais de ensino, a pesquisa buscou elucidar os dados obtidos sobre a metodologia do programa a partir de reflexões que versaram sobre a importância do museu para o saber em Arte, o desenvolvimento das teorias pedagógicas ao longo do tempo e as influências destas ideias nas práticas educativas escolares e museológicas, além de abordagens diversas que instituem possíveis maneiras de suscitar a interação entre museu/escola. Ao final do trabalho, foi possível traçar um percurso para o estabelecimento do diálogo entre museu de arte e escola, ampliando o olhar sobre o papel de cada instituição e compreendendo a educação em arte como um processo holístico e contínuo.

Palavras – chave: Educação. Arte. Escola. Museu.

ABSTRACT

The present study is to investigate the methodology of the program *Vamos ao Museu?* with a focus on their experience of teaching in visual arts, that aims to establish a dialog between the art museum and the school in order to identify possible paths for the construction of knowledge in art. In order to understand this educational process that involves the formal and non-formal education systems, the survey attempted to elucidate the data obtained on the methodology of the program, from reflections that focused on the importance of the museum for knowledge in art, the development of pedagogical theories over time and the influences of these ideas in the educational practices, in addition to different approaches that establish possible ways to arouse the interaction between museum/school. At the end of the work, it was possible to draw a path for the establishment of dialog between the museum of art and school, expanding the gaze on the role of each institution and comprising education in art as a holistic and continuous process.

Keywords: Education. Art. School. Museum.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – Visita dos alunos da Escola Estadual João Felipe da Rocha ao Museu de Arte da Pampulha.....	32
FIGURA 2 – Visita dos alunos da Escola Estadual João Felipe da Rocha ao Centro de Arte Contemporânea do Inhotim.....	32
FIGURA 3 – Visita dos alunos da Escola Estadual Maria Josefina Sales Wardi a exposição do artista Eduardo Coimbra no Museu de Arte da Pampulha.....	33
FIGURA 4 – Caderno de Mediação. Material didático pedagógico	39
FIGURA 5 – Oficina de postais realizada com a comunidade.....	39
FIGURA 6 – Intervenção na Escola Maria Josefina Sales Wardi, após a visita ao Museu da Pampulha no ano de 2011.....	40
FIGURA 7 – Trabalhos de colagem feitos a partir do conceito de abstracionismo....	42
FIGURA 8– Trabalho de aquarela sobre papel.....	43

LISTA DE SIGLAS

EJA – Educação de Jovens e Adultos

IBRAM – Instituto Brasileiro de Museus

ICOM – Conselho Internacional de Museus

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais

RIMC – Rede Informal de Museus e Centros Culturais de Belo Horizonte e Região
Metropolitana

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. MUSEUS DE ARTE: ESPAÇOS DE CONHECIMENTO PARA A REDE FORMAL DE ENSINO	14
1.1 BREVE HISTÓRICO DO ENSINO DE ARTE NOS MUSEUS.....	16
1.2 AS TEORIAS DA EDUCAÇÃO E A RELAÇÃO MUSEU – ESCOLA NO BRASIL.....	18
1.3 CAMINHOS POSSÍVEIS DAS PRÁTICAS EDUCATIVAS DOS MUSEUS DE ARTE EM DIÁLOGO COM A REDE FORMAL DE ENSINO.....	23
2. VAMOS AO MUSEU?	29
2.1 PRÁTICAS E REFLEXÕES SOBRE A CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTO EM ARTES VISUAIS: DIÁLOGO ENTRE A REDE FORMAL E AS INSTITUIÇÕES NÃO FORMAIS DE ENSINO.....	33
2.1.1 Reflexões Sobre O Ensino De Arte Nos Museus E Nas Escolas.....	34
2.1.2 Metodologia Do Programa.....	35
2.1.3 Práticas Educativas Em Artes Visuais E Relação Museu De Arte/Escola.....	37
3. ANÁLISE DOS DADOS	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS	57

INTRODUÇÃO

A reflexão sobre metodologias de ensino em Artes Visuais desperta para a percepção de práticas educativas de contextos diversos e para as possibilidades de encontro existentes entre elas. O ensino de Arte, portanto, não se restringe ao ensino formal realizado pelas escolas e, assim, deve abranger todas as práticas que possam contribuir para a sua afirmação enquanto campo de conhecimento. Nesse sentido, o ensino de arte em museus é uma vivência essencial para as ações desenvolvidas no ambiente escolar, representando uma possibilidade de construção de conhecimento dinâmica e interativa, ao oferecer ao sujeito a oportunidade de experimentar arte por meio da fruição das obras e colaborar para que a sensibilização estética do indivíduo desperte o seu interesse para uma possível abordagem crítica sobre Arte.

Essa possível interlocução existente entre a escola e o museu de arte detonou várias indagações. Como, por exemplo: como pode ser estabelecido esse diálogo? Como abordar o ensino de artes visuais sob uma perspectiva integral, envolvendo estas duas instituições? Quais são as contribuições possíveis para cada instituição decorrente deste encontro pedagógico? Quais são as contribuições para o saber em arte dos alunos da rede formal, a partir desta relação?

A busca por compreender estas indagações foi despertada pelo interesse da autora desta monografia, que foi motivado por experiências profissionais e pelos conhecimentos adquiridos durante o processo de formação acadêmica. No decorrer da graduação em Turismo na Universidade Federal de Minas Gerais, é possível ressaltar o acesso a disciplinas que abordavam as ações interpretativas desenvolvidas em espaços culturais; e, no campo profissional, a oportunidade de atuar com turismo pedagógico acompanhando estudantes a visitas em espaços culturais, o que revelou a importância desses espaços para o processo de ensino/aprendizagem em Arte. Durante essas experiências no setor de turismo, observou-se que o contato com as obras era uma experiência sensível para os alunos que, estando fora do ambiente escolar, pareciam se abrir para as reflexões levantadas com a finalidade de enriquecer o momento vivenciado.

No decorrer da graduação, também pude conhecer o projeto educativo *Vamos ao Museu?*. O *Vamos ao Museu?* foi iniciado em 2006, com o intuito de provocar o encontro entre instituições culturais e a rede formal de ensino, a partir de atividades que valorizem o patrimônio, a memória e a identidade. Dentre as suas iniciativas, atua com projetos educativos para visitas realizadas a exposições de arte nestes espaços.

Considerando o que foi relatado até então, emergiu o tema desta pesquisa. O presente trabalho configura-se como uma investigação sobre ensino de arte, considerando como objeto principal as ações educativas desenvolvidas pelo programa *Vamos ao Museu?* no âmbito da relação museu de arte/escola. Desta forma, como questão central pretende-se responder à seguinte pergunta norteadora: **“Como a proposta educativa do *Vamos ao Museu?* contribui para o ensino de artes visuais?”**.

Para a abordagem deste estudo de caso, realizou-se uma pesquisa qualitativa de natureza exploratória. Para a coleta de dados, optou-se pela realização dos seguintes procedimentos: pesquisa bibliográfica, pesquisa em documentos diversos e entrevista semiestruturada.

A pesquisa bibliográfica diz respeito à obtenção de informações acerca dos assuntos abordados no referencial teórico, descritos no capítulo 1 deste trabalho. De uma maneira geral, este capítulo versa sobre: diferenças entre ensino formal e não formal, reconhecimento do museu enquanto espaço de conhecimento, panorama histórico do desenvolvimento do setor de arte-educação dos museus, influência das teorias da educação no ensino de arte desenvolvido nas escolas e nos museus e referências sobre possíveis caminhos para a interação entre museu de arte e escola em uma proposta educativa.

Outros dados com informações mais específicas sobre o *Vamos ao Museu?* foram coletados através do *site* do programa, em vídeos disponibilizados no *youtube* - canal de vídeo da internet - e por meio de entrevista semiestruturada com a sua coordenadora geral. Esta entrevista, que teve como intuito aprofundar a discussão

sobre a metodologia de ensino do *Vamos ao Museu?*, e os demais dados coletados sobre o programa foram descritos no capítulo 2 desta monografia.

No capítulo seguinte foi realizada uma discussão crítica dos dados levantados, tendo como referência os autores citados no primeiro capítulo. Para esta discussão, são fundamentais as ideias de Menezes (2002) sobre as características do espaço museológico, as reflexões levantadas por Grinspum (2000) sobre o conceito de Educação para o Patrimônio aplicado ao ensino de arte nas instituições culturais, a proposta de interlocução entre museu e escola trazida por Allard e Boucher (apud MARTINS, 2006) e a perspectiva de mediação cultural proposta por Martins (1999).

Este estudo se propôs, portanto, a conhecer a metodologia de ensino em arte do programa *Vamos ao Museu?*, buscando refletir sobre os possíveis caminhos para um encontro pedagógico entre museu de arte e escola.

1. MUSEUS DE ARTE: ESPAÇOS DE CONHECIMENTO PARA A REDE FORMAL DE ENSINO

Embora haja uma percepção abrangente sobre o processo de ensino, existe uma distinção conceitual entre as práticas educativas, que são caracterizadas como: formal, não formal e informal. Para compreender um pouco estas abordagens, vale considerar as ideias de Afonso (*apud* Fronza - Martins, 2006, p.72), para quem a educação formal se refere a um processo sistematizado oferecido pelas escolas; enquanto o ensino informal “abrange todas as possibilidades educativas no decurso da vida do indivíduo, construindo um processo permanente e não - organizado”. E, por fim, o ensino não formal, ainda que possua uma estrutura definida e organizada, podendo envolver a obtenção de uma certificação, se diferencia do processo encontrado na rede formal em relação a “não fixação de tempos e a flexibilidade na adaptação dos conteúdos de aprendizagem a cada grupo concreto” (AFONSO *apud* FRONZA - MARTINS, 2006, p.72).

Para a construção de conhecimento em Arte, os museus, que possibilitam um contato direto com as obras, são exemplos importantes de práticas educativas não formais. O Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) define este equipamento cultural a partir das considerações reunidas na Lei nº11. 904, de 14 de janeiro de 2009 responsável por instituir o Estatuto dos Museus. Constata-se que, de acordo com o IBRAM, os museus são

instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento (Disponível no *site*: <http://www.museus.gov.br/os-museus/o-que-e-museu/>. Acesso em 5 de setembro de 2015).

Esta definição do IBRAM resgata o museu como um território cultural ativo, com fins de conhecimento e lazer, e que tem um compromisso com o desenvolvimento social. O conceito assume, também, uma perspectiva de diálogo para as proposições museológicas, quando afirma que este espaço tem a comunicação e a interpretação como premissas básicas para o seu desempenho. Corroborando esta perspectiva

ampla, Teixeira Coelho (1997) esclarece que os museus sofreram uma transformação conceitual e prática, passando de lugares onde se concentram acervos específicos, para um espaço dinâmico e problematizador, não ligado à necessidade de existência de uma estrutura limitada. Como resultado, surgiram no decorrer das décadas de 80 e 90 novas concepções e propostas, como museus ao ar livre, ecomuseus, complexos culturais, e, “de modo ainda mais amplo, comunidades, setores de cidades ou cidades por inteiro (como Veneza) transformam-se em espécies de museus vivos” (TEIXEIRA COELHO, 1997, p.270).

Em uma palestra intitulada “O museu e o problema do conhecimento” no IV Seminário sobre Museus-casas: Pesquisa e Documentação, realizado no ano de 2000 no Museu Casa de Rui Barbosa, o pesquisador Ulpiano Bezerra de Menezes levanta a questão da multiplicidade das funções deste equipamento cultural e afirma que elas são, muitas vezes, definidas com base nas expectativas e ações de seu público. Um dos papéis do museu seria o da fruição estética, provocando o estímulo sensorial, o que, para o autor, é essencial para o ser humano, pois é o que permite a sua comunicação com o universo. Assim, a partir dos anais publicados do evento no ano de 2002, percebe-se que para Menezes (2002, p.18) “o museu dispõe de condições eficazes para aprofundar esse trânsito que pode existir entre o ‘eu’ e o ‘mundo fora de mim’ (...)”. Para o autor a fruição estética provocada nestes espaços não é uma característica supérflua, mas sim, uma necessidade para a existência plena do indivíduo. Além disso, o autor assegura que o museu ainda provoca uma sensação de “deleite afetivo” e relações de subjetividade entre os seres humanos e os objetos, constituindo-se como locais de memória e de identidade, agindo, portanto, “para definir trajetos, para explicitar percursos, para reforçar referências, definir amarras – principalmente de espaço e de tempo, já que somos seres balizados pelo espaço e pelo tempo” (MENEZES, 2002, p.19). Para o autor, as pessoas ainda procuram o museu para obter informação, para se divertirem ou ainda por razões educativas.

Neste último sentido, é interessante, ainda, o ponto de vista abordado por Menezes (2002), para quem os museus são espaços de representação da vida e, portanto, é a particularidade que este espaço tem de provocar um estranhamento frente ao

cotidiano que contribui para a compreensão do mundo. Assim, o autor assume o museu como um espaço de ficção, onde a representação tem um papel essencial para a existência humana. Para Menezes (2002) o termo ficção não se refere a um processo que não condiz com a verdade, mas sim, a uma prática de construção de significados para representar e dar sentido ao mundo, sendo o museu o local onde estas relações ficcionais acontecem em essência. Como efeito, “longe de se opor ao conhecimento, portanto, a ficção é um instrumento extraordinariamente eficaz. O museu, pela mesma razão, é um instrumento excepcional de conhecimento (...)” (MENEZES, 2002, p.25).

Desta forma, considerando o museu como um espaço de representação que deve promover encontros entre o ser humano e outros tempos e espaços, abrindo caminho para vivências enriquecedoras e para a possibilidade de significar o mundo, é certo afirmar que o museu é um território importante para o ensino de arte. Em outras palavras, Barbosa (2004) assume para os museus um papel de laboratórios para o ensino de arte, ou seja, espaços de observação e de experimentação. Para a autora,

A arte tem enorme importância na mediação entre os seres humanos e o mundo, apontando um papel de destaque para a arte – educação: ser a mediação entre a arte e o público (...). O lugar experimental desta mediação é o museu” (BARBOSA, 2009, p.13).

Verifica-se que as práticas educativas destas instituições se desenvolveram ao longo do tempo e muitas possuem setores voltados para o planejamento educativo e, em virtude do objetivo central desta pesquisa, se faz necessário conhecer um pouco do processo histórico destas instituições, conhecendo o seu desenvolvimento no decorrer dos anos, estabelecendo, também, um panorama das práticas educativas que são realizadas nestes espaços.

1.1 BREVE HISTÓRICO DO ENSINO DE ARTE NOS MUSEUS

Segundo Grinspum (*apud* PINHEIRO, 2014), os museus de arte eram, inicialmente, locais frequentados por um público restrito, constituídos por uma parte da elite que já se encontrava familiarizada com o universo da arte. Pinheiro (2014) cita Altshuler (2010) e afirma que foi somente com o Iluminismo, no século XVIII, que o acervo de arte da aristocracia e da realeza europeia foi disponibilizado para apreciação

coletiva, com a organização de exposições com fins educativos. O Museu do Louvre, aberto ao público em 1793, se destacou como uma das instituições mais importantes da época, criada a partir de objetivos democráticos, inaugurando o serviço educativo para escolas em 1880, que dois anos mais tarde seria organizado como *Escola do Louvre*.

Os museus norte-americanos também seguiram esta tendência educativa e propuseram ações voltadas para este propósito. No entanto, foi somente em 1852 que a função de arte-educador no museu foi criada no *Victoria and Albert Museum* de Londres. Esta instituição e o *Royal College of Art* são consideradas as pioneiras no desenvolvimento da interação entre ensino de arte nas escolas e os museus de arte (OTT, *apud* PINHEIRO, 2014).

De acordo com Pinheiro (2014), nos Estados Unidos, a partir do século XX, a função educativa foi considerada tão importante quanto a exibição e a conservação das obras de arte. Na época, algumas instituições museológicas que adotaram esta perspectiva, como o *Cheveland Museum* e o *Museum of Modern Art* (MOMA), fundamentaram as suas práticas nas ideias desenvolvidas por Thomas Munro e Victor D'Amico. Para Ott (*apud* PINHEIRO, 2014, p.26), os pressupostos teóricos desenvolvidos pelo primeiro no *Cheveland Museum* “enfatizava a percepção individual e a interpretação crítica da obra de arte, dando menor enfoque à contextualização histórica e ao fazer artístico em ateliê”. Já, ainda segundo este autor, para Victor D'Amico, cujas teorias foram aplicadas no MOMA e inspiraram a arte-educação moderna, a abstração era valorizada e as crianças eram provocadas em um ambiente criado especificamente para esta finalidade, o *Children 's Art Carnivals*.

No período posterior a Segunda Guerra Mundial, segundo Grinspum (*apud* PINHEIRO, 2014), o conceito de museu foi se transformando e esse espaço passou a ser reconhecido como um território múltiplo e questionador, com fins educativos e culturais.

Pinheiro (2014, p.28) destaca que na década de 1980, os museus norte – americanos e europeus já contavam com um programa educativo bem estruturado para um público diversificado, oferecendo diversas atividades, “como seminários, exposições de filmes, visitas guiadas, contação de histórias e encontros com

artistas”.

No Brasil, os primeiros espaços museológicos foram criados entre as décadas de 1930 e 1940 “por iniciativas oficiais, seguindo o modelo norte – americano de museu moderno” (PINHEIRO, 2014, p.28), refletindo, portanto, os pressupostos de Thomas Munro e Victor D’Amico. Entretanto, Barbosa (2004) relata que os primeiros trabalhos instrutivos nestes equipamentos culturais foram organizados nos anos cinquenta no Rio de Janeiro e que, então sob influência do modernismo, as práticas envolviam a criação em ateliês livres, oficinas ou atividades de animação cultural. Um dos pioneiros na realização de práticas educativas foi o MASP, que oferecia cursos diversos, inclusive cursos de formação para monitores e palestras com artistas. Lourenço (*apud* PINHEIRO 2014, p.30) enfatiza o papel do MASP e dos Museus de Arte Moderna da Bahia, de São Paulo e do Rio de Janeiro para a sensibilização do público por meio de trabalhos educativos realizados desde o início da criação destes espaços, que se voltavam para a “sensibilização, invento, incentivo ao fazer, respeito à individualidade e conscientização, operada via artes plásticas, dança ou *design*”.

De acordo com Barbosa (2004, s.p), os museus são “lugares da prática da leitura da obra de Arte” e a partir da década de 90, com a difusão da Abordagem Triangular, que ressaltava a “importância da interpretação da Arte e das vantagens de ver e analisar as obras ao vivo”, aliada à incorporação de seus princípios, de certa forma, aos Parâmetros Curriculares pelo Ministério da Educação (MEC), intensificou-se a busca dos professores pela visita a estes lugares. Na mesma época, a autora aponta que houve uma preocupação maior destes territórios em criar setores educacionais, o que pode se justificar também pela percepção de que as escolas representariam um público significativo para as exposições e (re) afirmariam o seu valor frente aos patrocinadores.

1.2 AS TEORIAS DA EDUCAÇÃO E A RELAÇÃO MUSEU – ESCOLA NO BRASIL

O programa educativo destes equipamentos culturais foi se desenvolvendo ao longo do tempo e incorporando novos conceitos, propostas e práticas capazes de provocar o público diverso que frequenta estes espaços. Como já referido, a rede formal de

ensino sempre foi alvo de ações específicas e entender um pouco das propostas realizadas é essencial para o percurso que se pretende traçar neste estudo.

Grinspum (2000) afirma que as práticas educativas na rede formal influenciam a experiência nas instituições culturais, pois refletem uma concepção ideológica e vinculam-se a uma teoria da educação, ou seja, a uma concepção pedagógica. Para explicitar esta perspectiva, a autora faz referência aos apontamentos sobre as teorias que influenciaram o ensino da arte ao longo do tempo, feitos pelas professoras Maria F. de Rezende Fusari e Maria Heloisa de Toledo Ferraz, por meio do livro “Arte na Educação Escolar”. Assim, a autora esclarece que existem duas tendências centrais: a “Idealista – Liberal” e a “Realista – Progressista”. A tendência “Idealista – Liberal” é “pouco crítica em relação às suas interferências sociais” e diz respeito às pedagogias tradicional, nova e tecnicista; já a “Realista – Progressista”, busca “ser conscientizadora do povo e aponta para um redimensionamento histórico do trabalho escolar público e democrático” (GRINSPUM, 2000, p.20).

A pedagogia tradicional tem perspectivas idealistas e reconhece a educação oferecida nas escolas como uma possibilidade de “libertar” os indivíduos e instigá-los a organizar uma sociedade mais justa. A autora relata que esta perspectiva influencia as aulas de arte desde o século XIX, “quando predominava uma teoria estética mimética, isto é, mais ligadas às cópias do ‘natural’ e com a apresentação de ‘modelos’ para os alunos imitarem” (GRINSPUM, 2000, p. 20). Nesta visão pedagógica, o desenho é valorizado e a sua possibilidade técnica é ressaltada e vista como um instrumento para uma futura intervenção operacional na sociedade industrial. Outra característica das pedagogias tradicionais é a crença no ensino unidirecional, ou seja, existe um “mestre” detentor do conhecimento a ser repassado aos demais alunos. De acordo com Martins (2011), ainda que os setores educativos nos museus estejam fortemente associados com as teorias pedagógicas mais progressistas, as pedagogias tradicionais também influenciaram e ainda influenciam, ainda que não na sua totalidade, as metodologias museológicas. A autora cita Cazelli e outros autores (2002, p.212) para confirmar essa relação e aponta que ela é refletida “tanto em relação à forma autoritária da exposição do conhecimento quanto ao papel passivo dos visitantes”. A autora esclarece ainda que essa tendência poderia ser justificada por uma forte percepção de que o museu seria o

espaço detentor da verdade, concepção comum no século XIX em virtude, principalmente, dos ideais positivistas.

Contrariamente aos propósitos tradicionais, Martins (2011) afirma que as outras teorias da educação que surgiram na sequência, e que a autora reconhece como pedagogias renovadas, foram inspiradas nas teorias educacionais sobre ensino intuitivo desenvolvidas por Rousseau, Pestalozzi e Froebel, e amplamente disseminadas na segunda metade do século XIX. Segundo a autora o ensino intuitivo, divulgado por meio do manual *Lições de Coisas*, tem como essência a “crença na natureza espontânea do aprendizado e na vivência do concreto e do real. É a partir da experiência intuitiva, orientada pelo professor, que o aluno irá aprender(...)” (MARTINS, 2011, p.72). Ainda segundo Martins (2011, p.73) “o foco da lição das coisas é o aprendizado dos sentidos e a educação do gosto por meio da educação e do contato com os objetos”. Assim, havia uma proposta de ênfase na observação e no conhecimento adquirido por meio do contato, da experiência subjetiva. Estes direcionamentos teriam influenciado consideravelmente as práticas museológicas e para justificar esta afirmativa, Martins (2011) cita a autora Eileen Hooper – Greenhill (1991), para quem a organização das visitas escolares e a cessão de materiais para empréstimos a escolas, ações iniciadas pelos setores educativos dos museus britânicos, são exemplos visíveis desta influência.

Neste contexto posterior à pedagogia tradicional, o movimento da Escola Nova ou Escolanovismo, da pedagogia nova, foi responsável por introduzir no Brasil as experiências do que o filósofo John Dewey reconheceu como “livre expressão”. Assim, as práticas educativas em arte baseadas nesta perspectiva valorizavam a expressão subjetiva. De acordo com Pinheiro (2014, p.14), nas décadas de 40 e 50, os museus tinham os ateliês como principais metodologias de ensino, onde o público poderia experimentar vivências artísticas, sem que estas, contudo, estivessem relacionadas às exposições vistas, que eram realizadas a partir de “um discurso informativo construído em torno das obras pelo educador que realizava a visita”.

De acordo com Lopes (1991), esta proposta pedagógica deslocou a preocupação para as práticas realizadas no interior das escolas, centrando as ações na relação professor – aluno, nas quais o aluno tem responsabilidade no seu processo de

aprendizado e o professor atua como um incentivador desta construção subjetiva. Assim, a escola deveria se transformar em um ambiente motivador, apresentando uma diversidade de material e iniciativas pedagógicas. Sob esta perspectiva influenciada pelas ideias de Anísio Teixeira, Lopes (1991) esclarece que se passou a valorizar a importância dos setores educativos dos museus. Os exemplos das propostas desenvolvidas nos Estados Unidos de então também tiveram grande influência nos educadores da época e, em 1946, um estudo desenvolvido por Sussekind de Mendonça, então chefe da Seção de Extensão Cultural do Museu Nacional do Rio de Janeiro, tornou-se um instrumento de referência para a discussão sobre o processo educativo dos museus no país na época, fazendo alusão à necessidade de estreitar o relacionamento entre estas instituições culturais e o ensino formal, propondo que o museu aplicasse os princípios da Escola Nova, modificando o seu interior em função da busca por qualidade de ensino. Desta forma, estas instituições sofreram uma forte pressão para que oferecessem um suporte à rede formal de ensino e, de acordo com a autora, “chegou-se até a propor uma subordinação da escola ao museu” (LOPES, 1991, p.446). Neste contexto, a proposta de educação permanente disseminada pela UNESCO também reforçou a obrigatoriedade do museu de desenvolver ações complementares à rede formal de ensino. Ainda segundo Lopes (1991), este contexto histórico, apesar de importante para provocar a função educativa dos museus, restringe até hoje a relação entre museu e escola, colocando o primeiro como um mero complemento do segundo.

Nas décadas de 60 e 70, Grinspum (2000) aponta que a pedagogia tecnicista chegou ao Brasil propondo uma sistematização racional dos métodos para o ensino, e os elementos curriculares deveriam ser capazes de levar ao alcance dos ideais preestabelecidos em consonância com os interesses da sociedade de então.

Ainda a partir da década de 60, a mesma autora afirma que já na tendência “Realista – Progressista” surgem ideias que buscam refletir sobre o processo de ensino de forma “progressista” e de caráter transformador, sendo representadas pela pedagogia libertadora proposta por Paulo Freire e pela pedagogia libertária com ideais de autogestão e autonomia. De acordo com Lopes (1991), o movimento popular que propunha uma verdadeira reforma nas práticas de ensino, não teria alcançado os espaços museológicos. E, se estas práticas ocorrem hoje em dia

nestas instituições, seria devido muito mais a uma influência externa do que a um possível comprometimento dos museus com os movimentos populares.

Para Martins (2011, p.76), as pedagogias que surgiram após as teorias tradicionais também contribuíram para a “utilização da Metodologia da Educação Patrimonial”. A autora ressalta que esta metodologia tem suas origens na Inglaterra e nos Estados Unidos na década de 70 e só foi disseminada no Brasil a partir dos anos de 1980, por meio da Maria de Lourdes Pereira Horta, que propôs o desenvolvimento de quatro métodos para a realização da educação patrimonial, os quais seriam: observação (estímulo à percepção sensorial), registro (aprofundamento do conhecimento adquirido), exploração (estímulo à análise e ao pensamento crítico) e apropriação (envolvimento afetivo). Para Martins (2011), há uma estreita relação entre esta metodologia e o instrumento das “lições das coisas”, o que fica evidente pelo estímulo ao saber intuitivo, à experiência subjetiva e à construção individual do conhecimento.

Na década de 80, a pedagogia sociopolítica amplia o papel da sociedade na conscientização do indivíduo, e a escola se caracteriza apenas como um instrumento para expandir a responsabilidade do cidadão com relação à dinâmica social. Até a metade desta década, Grinspum (2000, p.25) esclarece que os museus ainda não estruturavam o seu planejamento educativo “de maneira a integrar o ‘fazer, o fruir e o refletir’”, pois a crença na Livre Expressão restringia esta iniciativa (p. 25).

No final da década de 1980, a autora esclarece que a perspectiva do conhecimento em arte como cognição se expandiu e Ana Mae Barbosa, então diretora do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, desenvolveu a Abordagem Triangular de Ensino de Arte, que buscava articular o ensino em torno da história da arte, da leitura de imagens e da realização de práticas artísticas. A autora ressalta ainda que as reflexões realizadas para o ensino formal na década de 80 acabaram beneficiando os arte - educadores dos museus, que tiveram acesso a “diversas metodologias de leitura de obras e as teorias sobre o desenvolvimento da compreensão estética” (GRINSPUM, 2000, p. 29).

O reconhecimento da arte como um campo de conhecimento foi se firmando e na década de 90, a implantação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e a promulgação da nova Lei de Diretrizes e Bases – LDB 9304/96, que tornou o ensino de arte obrigatório¹, contribuiu para esta realidade (GRINSPUM, 2000).

Pode-se perceber então como as teorias de educação influenciaram as ações educativas tanto nas escolas quanto nas instituições museológicas. Os museus foram aos poucos sendo reconhecidos como espaços fundamentais para o ensino de Arte, intensificando a relação com o processo educativo desenvolvido nas escolas. No entanto, autores como Lopes (1991) evidenciam a necessidade de estabelecer uma relação entre estas instituições de forma a não levar a sistematização e a rigidez impostas às escolas para a metodologia da educação museológica. O desenvolvimento de novas propostas de ensino que apresentaram possibilidades educativas mais amplas e reflexivas contribuiu para as práticas realizadas no museu e para um posicionamento destas instituições de maneira mais problematizadora, mas claro que alguns resquícios de influências menos críticas ainda incidem em alguns programas educativos. A partir de tudo o que foi abordado até então, é necessário compreender, portanto, como a relação museu - escola pode ser provocada, conhecendo, também, um pouco dos instrumentos educativos utilizados por estes espaços na atualidade.

1.3 CAMINHOS POSSÍVEIS DAS PRÁTICAS EDUCATIVAS DOS MUSEUS DE ARTE EM DIÁLOGO COM A REDE FORMAL DE ENSINO

Segundo Grinspum (2000), a partir da década de 80 e principalmente da década de 90, os museus e as escolas passaram por profundas transformações que culminaram em uma maior interação entre suas práticas educativas nos tempos atuais. A autora reconhece a importância das teorias pedagógicas no desenvolvimento dos projetos educativos dos museus e evidencia o papel da

¹ Vale ressaltar que com a Lei nº 5692/71, em vigor no início da década de 70, o ensino de arte já era obrigatório, porém com a denominação de Educação Artística, o que para Fisch (2006), colocou este campo em uma situação indefinida e os professores se viram obrigados a lecionar abordando diferentes linguagens das artes que não correspondiam à sua formação específica.

educação para o patrimônio na construção da relação entre público e objeto artístico. Assim, a autora assume a arte como um bem patrimonial e afirma que

a arte, enquanto bem patrimonial, tornando-se acessível a todos – por meio de metodologias adequadas à fruição, compreensão em sua multiplicidade de sentidos e estímulo à criação, revelará modos distintos de conhecimento (GRINSPUM, 2000, p.30).

Desta forma, a autora esclarece que existem inúmeras metodologias utilizadas no planejamento educativo dos museus, mas sugere que o conceito de Educação para o Patrimônio possa ser assumido por todas as categorias de museus. Esta perspectiva é importante ao valorizar a experiência pessoal, o conhecimento sensível e crítico. O museu de arte como um lugar de observação e de experimentação deve possibilitar este tipo de envolvimento.

A autora afirma ainda que os programas educativos dos museus são estabelecidos conforme um público específico e há uma necessidade de articulação entre o museu e a escola, em função do número significativo de estudantes da rede formal que frequentam o local. Contrariamente a tendência de escolarização dos museus apontada por Lopes (1991), a autora afirma que atualmente existem inúmeras pesquisas a respeito das práticas de ensino dos museus e que a relação entre estes espaços e as escolas se consolidou e evoluiu consideravelmente.

Ainda como uma alternativa a tentativa de “escolarização” dos museus, Almeida (1997) aponta a necessidade do museu de ressaltar a sua capacidade de provocar um aprendizado cognitivo e afetivo. Apesar de discriminar estas formas de aprendizado separadamente, a autora reforça que ambos estão conectados e acontecem simultaneamente. Ainda assim, os ganhos afetivos seriam mais significativos, já que se refere ao interesse e ao entusiasmo provocado pela experiência e representariam o grande diferencial destes espaços. Para a autora, a educação em museus não só complementa o ensino formal, mas também provoca o resgate e a preservação da memória e do patrimônio cultural.

É oportuno lembrar que ainda que os museus representem uma alternativa ao modelo de educação instituído nas escolas, a sua ação, ao se destinar para este público específico, deve propor uma interlocução entre as práticas desenvolvidas. Para Martins (2006), é necessário estabelecer uma parceria entre o museu e a

escola a fim de preparar os educadores da rede formal de ensino para a linguagem e para as ações desenvolvidas pelo museu, assim como adequar o espaço museal para promover uma interação significativa entre este público e o patrimônio cultural. A autora cita Köptke (2003) para ressaltar que este diálogo deve ser estabelecido com a intenção de se abrir um novo campo para a produção de conhecimento, ou seja, é preciso conhecer as orientações educacionais de cada um, reconhecer as diferenças e, a partir daí, desenvolver um trabalho que seja capaz de ultrapassar as fronteiras existentes e abrir caminho para uma nova possibilidade de ensino.

Para que esta forma de interação entre o museu e a escola seja possível, a autora cita ainda o modelo proposto por Allard e Boucher (1991), constituído por três fases que se dividem em atividades de diagnóstico, execução e avaliação. Na primeira fase, para a realização do diagnóstico é necessário conhecer as propostas e as possibilidades educativas de cada instituição, considerando o público, a temática da exposição, a acessibilidade do museu, a organização da escola etc. A segunda etapa consiste na execução do programa educacional, que deve se ater às atividades de preparação dos alunos realizadas no momento anterior a visita; às ações propostas no museu e às atividades que possam prolongar a visita e serem debatidas em sala de aula. Nesta fase, a visita deve ter um caráter lúdico e ter características próprias de uma prática pedagógica museológica, oferecer proposições interativas e momentos de repouso. Na última fase, há uma avaliação conjunta do programa para reconhecer se há necessidade de alteração em algum ponto até então considerado insatisfatório.

Considerando o enfoque desta pesquisa, conhecer as particularidades da educação museológica é fundamental para uma reflexão sobre as possibilidades da relação museu/escola. Um dos instrumentos de estruturação de conhecimento dos museus é a mediação. De acordo com Martins (1999, p.112), a mediação é uma intervenção que “mobiliza buscas, assimilações, transformações, ampliações sensíveis e cognitivas, individuais e coletivas, favorecendo melhores qualidades na humanização dos aprendizes (...)”. Assim, existem vários mediadores possíveis no planejamento educativo museológico, como “textos de parede, folhetos, catálogos, áudio - tours, cd - rom” (MARTINS, 1999, p.45). A exposição e o educador também são instrumentos importantes de mediação. Segundo Grinspum (2000, p.46) “o

vácuo entre o que a exposição pretende alcançar e a possibilidade de fruição dos diversos públicos é precisamente o espaço para a mediação” e o contato pessoal entre o monitor e o visitante é extremamente importante.

Para a discussão sobre o ensino de artes em museus, é preciso refletir, portanto, sobre a figura do educador. Barbosa (1989, p.125) enfatiza que “na maioria dos museus, o arte - educador é um apêndice e é até dirigido, orientado pelo curador (...) e compete ao arte - educador apenas orientar para aquela leitura ou executar a ação proposta”. Como a autora mesmo esclarece no decorrer de seu texto, estruturar a exposição é tão importante quanto o trabalho interpretativo proposto pelo arte - educador. No entanto, a iniciativa deste último não deve ficar subjugada a visão do curador, pois não problematizaria a exposição e não colaboraria com a interpretação pessoal do público, limitando a sua experiência à proposição feita pela curadoria. Durante visitas a diversas exposições, é possível perceber como este vínculo ainda é forte em alguns locais e que, muitas vezes, ocorre somente um direcionamento da vivência e não há espaço para experiências pessoais e possíveis relações e/ou propostas que possam ocorrer a partir dos relatos de cada um.

A atuação do arte - educador, ainda que em constante diálogo com as indicações do museu, deve ter certa autonomia para despertar uma vivência significativa em arte que não se restrinja ao momento da visita. Nesse ponto, como poderia ser esta atuação? Nesse sentido, Martins (*apud* MOURA, 2007, p.66) afirma que a função educativa da mediação cultural em arte seria a de provocar o encontro entre a arte e o observador e “auxiliar nas conexões entre ambos, estimulando para que haja crescimento, instigando uma relação de interesse pela descoberta pessoal nesta interação”.

Assim, a experiência estética provocada pelo contato com a obra seria o fio condutor para o conhecimento possível a ser elaborado pelo aluno a partir das conexões estabelecidas por meio das ações educativas realizadas. Ainda segundo a autora, o educador mediador “ensina a olhar, olhando. Mas não é um ‘ver qualquer’ (...) educador ensina o sensível olhar - pensante. Olhar sensível, e que é, portanto, afetivo. Olhar que pensa, reflete, interpreta, avalia (MARTINS, *apud* MOURA, 2007,

p.90). No caso do ensino formal, este olhar sensível deve permanecer nas aulas, com sugestões de atividades que contribuam para o saber em arte.

Neste contexto, ainda que haja esta possibilidade de comunicação, Martins (apud MOURA, 2007, p.74) aponta, no entanto, que não se deve considerar a ação do arte - educador nos museus como uma ponte para o conhecimento, mas sim como reflexo de uma mediação que assume uma postura de “estar entre” e que, desta forma, considera a sua interlocução com muitos aspectos, tais como: as obras, as interações com as outras obras do espaço, as intenções da curadoria, a instituição cultural, o artista, o público, o desenho museográfico, a mídia e o mercado que valorizam algumas obras e, dentre outros, com a sua própria identidade. Martins (apud MOURA, 2007, p.74) enfatiza que o arte - educador também vivencia uma experiência durante a mediação e “quer gerar experiências que afetem cada um que a partilha (...). Obriga-nos, assim, a sair do papel de quem sabe e viver a experiência de quem convive com a arte”.

O ensino de arte nestes espaços, portanto, não deve ser impositivo, mas sim, ao se constituir como o reflexo de uma atividade holística, estar aberto a constantes interferências e possibilidades que possam ser enriquecedoras, assumindo a influência do outro neste processo. Além disso, deve se preocupar em fazer proposições que estimulem a percepção sensorial, uma atitude reflexiva e um envolvimento afetivo capaz de despertar o interesse pela experiência vivenciada.

Assim, os museus são importantes para o processo de ensino/aprendizagem em arte do público da rede formal quando contribuem para ampliar o olhar do observador e se preocupam com a sua função educativa, estabelecendo um planejamento que assuma esta importância, valorizando o papel do educador e se posicionando como um espaço de produção de experiências em constante diálogo com as escolas, assumindo as suas particularidades pedagógicas e mantendo uma postura provocativa, pois, como proposto por Menezes (2002, p. 39), é preciso “transformar o museu antes num espaço de questionamentos e de indagações do que de respostas”.

Foi pensando nesta possibilidade de transformação que surgiu o *Vamos ao Museu?*, um programa que busca estabelecer, dentre outras vertentes possíveis, a interlocução entre os espaços museológicos e as escolas em um processo educativo em artes visuais. No decorrer do próximo capítulo, esta iniciativa será relatada, a partir da contextualização do programa, indicação de experiências já realizadas e de entrevista feita com a responsável pelo programa para compreensão de sua metodologia.

2. VAMOS AO MUSEU?

Para o desenvolvimento deste capítulo, foi necessário realizar uma coleta de dados sobre o programa *Vamos ao Museu?* e sua proposta educativa para a relação museu de arte/escola, de acordo com o objetivo deste trabalho. Para tanto, inicialmente foi realizada uma pesquisa por meio da obtenção de informações disponíveis no próprio *site* do programa. Com o objetivo de aprofundar o debate sobre sua metodologia, foi realizada ainda uma entrevista semiestruturada com a coordenadora e idealizadora do programa. No dia da realização da entrevista, foi possível, também, acompanhar presencialmente uma das ações do *Vamos ao Museu?*, cuja proposta era a exposição de trabalhos práticos realizados pelos estudantes após a visita à exposição do Wassily Kandinsky. Outras informações foram obtidas por meio de consultas a vídeos institucionais disponibilizados na internet.

O *Vamos ao Museu?*² é um projeto educativo que propõe ações para enriquecer a experiência cultural de educadores, estudantes e comunidade escolar. Elaborado desde 2006 pela Akala, associação sem fins lucrativos que planeja e executa projetos educativos e culturais, se utiliza de recursos obtidos por meio de aprovação em editais, leis de incentivo à cultura, patrocínios de empresas e/ou de recursos advindos de instâncias governamentais e, desta forma, não gera custos para as instituições culturais ou para as escolas participantes.

Em consonância com o seu objetivo, proporciona o encontro entre professores, estudantes e comunidade (pais, funcionários, pessoas que colaboram com a escola de alguma forma) com espaços culturais relevantes para a preservação do patrimônio. Com metodologia própria e sob a coordenação geral da arte - educadora Andréia Menezes de Bernardi³, em cada edição são abordados temas que refletem

² A maioria das informações aqui relatadas foi obtida por meio do *site* do programa *Vamos ao Museu?*, no seguinte endereço eletrônico: <http://vamosaomuseu.com/?p=programa>. As informações obtidas a partir de outros meios foram devidamente referenciadas ao longo do texto.

³ A coordenadora geral do programa é formada em Arte Educação, tendo iniciado os seus estudos na Universidade Estadual do Rio de Janeiro e concluindo a sua graduação na Universidade Estadual de Minas Gerais; possui, ainda, mestrado em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade

as características do espaço cultural a ser visitado, tais como, por exemplo: cultura, memória e patrimônio.

Desde o seu início no ano de 2006, o *Vamos ao Museu?* já realizou nove edições em anos não consecutivos, no período de 2006 a 2015. Com temáticas diferentes, o programa desenvolveu ações em diversos espaços culturais e paisagens de relevância patrimonial em algumas cidades de Minas Gerais, tais como Belo Horizonte, Pains e Nova Lima. As suas proposições educativas abordaram assuntos e exposições variadas, tais como: arte e responsabilidade ambiental; exposição da bienal no Palácio das Artes; visita ao Museu e Artes e Ofícios; visita às exposições de Rodin e Marc Chagall na Casa Fiat de Cultura; exposição “Museu Observatório” do artista plástico Eduardo Coimbra no Museu de Arte da Pampulha; interpretação patrimonial com oficinas de fotografia na cidade de Nova Lima; valorização do potencial arqueológico do município de Pains em Minas Gerais; visita a exposição do Kandinsky no Centro Cultural Banco do Brasil.

Inicialmente pensado para abarcar a relação museu/escola, aos poucos o programa foi expandindo o seu campo de atuação, partindo de uma concepção ampla de museu, buscando atuação em espaços que, nas palavras da coordenadora do projeto, pudessem representar algumas características deste equipamento cultural que, apesar de ser um espaço “que preserva, conserva, que adquire, que expõe e que cuida da parte educativa da difusão de seu acervo”, também se configura como um “espaço de patrimônio, de encontro, de trocas coletivas” (BERNARDI, 2015).

O *Vamos ao Museu?* provoca o ensino em artes visuais instigando, também, a relação museu/escola, por meio de visitas e outras ações educativas específicas. Em entrevista concedida ao Jornal O Tempo, em junho de 2015, a coordenadora do programa, Andréia de Bernardi, ressaltou que a ideia de realizá-lo veio da sua experiência como educadora em museus, que revelou a grande desinformação dos grupos escolares ao chegarem a estes equipamentos culturais, o que era notado, também, pela ausência de informações sobre as exposições que os professores e

Federal de Minas Gerais, tendo com o foco de pesquisa, o trabalho desenvolvido pelo programa Escola Integrada e as suas implicações para a apropriação cultural da cidade.

os alunos demonstravam ter. Além dessa identificação da carência de informação sobre a visita, a falta de contato entre estes equipamentos culturais e as escolas também se constitui como uma das preocupações do projeto, que escolhe as escolas participantes de acordo, também, com a sua localização. Assim, as escolas que estão mais distantes dos espaços a serem visitados e as turmas que usualmente não frequentam estas instituições, são escolhidas preferencialmente para participarem do projeto.

Por suas iniciativas diferenciadas e relevância para a educação museal, o programa já teve reconhecimentos importantes desde a sua primeira edição no ano de 2006. Sendo finalista do Prêmio Arte na Escola (promovido pelo instituto *IOCHPE*) e reconhecido, em 2012, pelo Conselho Internacional de Museus /ICOM como uma das melhores práticas em educação museal em âmbito internacional. Além disso, venceu o V Prêmio Ibero-Americano de Educação e Museus⁴, no ano de 2014, na Categoria II – Iniciativas em fase de elaboração e/ou planejamento.

Para a discussão que se pretende abordar nesta pesquisa, serão consideradas preferencialmente as experiências de arte educação realizadas entre museus de arte e escolas, realizadas em 2006 e 2011. Vale ressaltar aqui, contudo, que outras iniciativas educativas em arte realizadas em instituições culturais de Belo Horizonte e região metropolitana também serão citadas, pois, ainda que estas instituições não sejam definidas como museus de arte, considerou-se importante referenciá-las, por serem espaços que tradicionalmente recebem importantes exposições de arte e, desta forma, contribuem para o delineamento da metodologia do programa no âmbito do ensino de artes visuais.

Na primeira edição do programa, em 2006, foi feita uma intervenção junto à Escola Estadual João Felipe da Rocha na cidade de Nova Lima, em Minas Gerais. Nesta edição, estudantes do ensino fundamental e médio foram visitar o Museu de Arte da

⁴ O Programa Ibermuseum é constituído por países ibero-americanos e tem por objetivo contribuir para a construção de políticas públicas para o campo museológico. Como uma de suas iniciativas, o programa concede o Prêmio Ibero – Americano de Educação e Museus para valorizar e apoiar projetos educativos ligados aos museus e, também, reconhece boas práticas neste setor, realizadas nos países ibero-americanos. Disponível em: < <http://www.bermuseum.org/noticias/resultados-do-v-premio-ibero-americano-de-educacao-e-museus/>>. Acesso em 12 de outubro de 2015.

Pampulha e o Centro de Arte Contemporânea do Inhotim (Figuras 1 e 2) e participaram, também, de oficinas educativas em artes visuais oferecidas pelo programa. Esta primeira iniciativa, de acordo com depoimento cedido pela coordenadora do programa, foi importante para a percepção do interesse por parte dos estudantes e dos professores em iniciar uma reflexão sobre estratégias de realização conjunta deste trabalho com os espaços de arte e cultura. Este interesse se transformou em um projeto, inscrito e aprovado na Lei Federal de Incentivo à Cultura e, a partir daí, o programa foi definitivamente iniciado.



Figuras 1 e 2 – Visitas dos alunos da Escola Estadual João Felipe da Rocha ao Museu de Arte da Pampulha e ao Centro de Arte Contemporânea do Inhotim, respectivamente. Disponível em: < <http://vamosaomuseu.com/?p=edicoes&id=108>>. Acesso em 06 de outubro de 2015.

No ano de 2011, uma das edições realizadas envolveu o trabalho do artista plástico Eduardo Coimbra, com a sua exposição “Museu-Observatório”, realizada no Museu de Arte da Pampulha, cuja visita foi feita com estudantes do ensino fundamental da Escola Estadual Maria Josefina Sales Wardi do no bairro Jardim Canadá, em Nova Lima, Minas Gerais (Figura 3).



Figura 3. Visita dos alunos da Escola Estadual Maria Josefina Sales Wardi a exposição do artista Eduardo Coimbra no Museu de Arte da Pampulha. Disponível em: < <http://vamosaomuseu.com/?p=edicoes&id=114>>. Acesso em 07 de outubro de 2015.

Nos próximos tópicos, estas e outras experiências importantes para o foco desta pesquisa serão revistas de maneira mais aprofundada, a partir de entrevista realizada com a coordenadora geral do projeto, a fim de conhecer sobre a metodologia de arte educação aplicada nas visitas, com suas implicações e demais relações construídas entre o museu e a escola.

2.1 PRÁTICAS E REFLEXÕES SOBRE A CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTO EM ARTES VISUAIS: DIÁLOGO ENTRE A REDE FORMAL E AS INSTITUIÇÕES NÃO FORMAIS DE ENSINO

Em entrevista concedida à autora deste trabalho, a coordenadora do projeto, Andreia de Bernardi, revelou de maneira mais detalhada aspectos importantes do *Vamos ao Museu?*. Os assuntos levantados serão divididos aqui em tópicos para

uma melhor compreensão da atuação do programa na relação museu de arte/escola.

2.1.1 Reflexões Sobre O Ensino De Arte Nos Museus E Nas Escolas

Andreia de Bernardi enfatizou as dificuldades que ainda encontra nas instituições da rede formal com relação ao ensino de arte. De acordo com ela, a Arte não possui o mesmo espaço nas escolas que os outros campos de conhecimento. E, apesar das determinações e orientações das instâncias governamentais, muitas vezes, os professores que ministram a matéria Arte não possuem qualquer formação na área e, frequentemente, “vão buscar nestes materiais mesmo, que são disponibilizados pelo governo federal, algumas referências, mas que acaba caindo (...) na questão da releitura”. O modo como esta releitura é trabalhada e quais são os artistas escolhidos “é sempre uma coisa que fica muito à mercê da vontade, da bagagem, da formação do professor”. A entrevistada citou a dificuldade que teve para iniciar o trabalho sobre Kandinsky, levantando referências de abstracionismo com os estudantes de uma escola. Esta dificuldade se deu em função de um estereótipo de desenho que eles possuíam, devido a práticas restritas de ensino, já que os alunos são estimulados “a desenhar paisagem, casinha, flor, coração (...) do jeito como eles estão acostumados a ver até mesmo nas representações que a gente vê coladas nas paredes da própria escola (...) que são algo muito pronto, muito formatado”. De acordo com ela, muitas escolas continuam, também, trabalhando com artistas já exaustivamente abordados nas disciplinas de Arte. Assim, “a Arte continua ainda em um local muito ingrato, de falta de gente qualificada, de falta de espaço na escola, de falta de materiais que façam jus ao trabalho, de falta de tempo (...)”, e existiria muito a ser feito ainda para proporcionar aos estudantes um conhecimento significativo em arte, o que seria uma tentativa do *Vamos ao Museu?*.

Com relação ao ensino de Arte nos museus, Andreia considera que atualmente os programas educativos dos museus se desenvolveram bastante, apesar de ainda não serem perfeitos. Atuando como educadora desde 1997, afirma que na conjuntura atual há uma estruturação dos programas educativos, com disponibilização de recurso para investimento, contratação de educadores formados, investimento em formação da equipe de educadores. Em Belo Horizonte, sobretudo, percebe este

desenvolvimento com a abertura de vários espaços culturais, com a estruturação de redes como a RIMC (Rede Informal de Museus e Centros Culturais de Belo Horizonte e Região Metropolitana) e com a realização de diversos encontros de formação dos profissionais educadores. Para a entrevistada, não existem mais “guias” de visita, que apenas repassam a informação de uma maneira cansativa e unidirecional, para ela, os educadores “estão construindo esta metodologia baseada no diálogo, baseada na pergunta, na abertura e os resultados tem sido maravilhosos”. Então, há uma melhoria na relação museu/escola das instituições de Belo Horizonte e região metropolitana, com um reconhecimento da importância da rede formal de ensino para a manutenção das instituições, já que representam o maior público destes espaços, além de um maior interesse por parte dos professores pelo acesso a essas instituições culturais.

2.1.2 Metodologia Do Programa

De acordo com Andreia, o processo de cada edição se inicia com a escolha do tema e das instituições parceiras (espaço cultural e escola). Este processo depende de uma articulação entre diferentes aspectos, tais como: oferta cultural do momento; perfil do público; demanda e localização da escola; demanda do patrocinador – quando for o caso. Após este primeiro momento, é feito um convite às instituições selecionadas para participarem das ações a serem desenvolvidas. Com o acordo de todos os participantes, inicia-se “um diálogo, tanto com os professores da escola quanto com os coordenadores e os educadores do programa educativo de cada museu”. A entrevistada ressaltou que nunca foi feita uma visita a um museu que não tivesse um programa educativo, ainda que uns fossem mais estruturados do que outros.

Posteriormente a esse contato com as instituições que irão participar do projeto, ocorre a seleção dos educadores do *Vamos ao Museu?*. Em cada edição são selecionados profissionais com amplo conhecimento na área específica a ser abordada. Assim, ocorre a preparação da equipe selecionada. Inicialmente, cada educador realiza uma visita individual à exposição no museu. Após esta primeira etapa, é feita uma visita técnica de toda equipe, mediada pelos educadores do museu. Durante esta visita, os educadores do *Vamos ao Museu?* buscam conhecer

a abordagem da exposição e a metodologia utilizada pelo setor educativo do museu (por exemplo, se o foco do trabalho é a mediação ou uma visita mais tradicional, ou seja, com o educador atuando somente como um guia da exposição). Este diagnóstico inicial é feito a fim de promover um diálogo com a proposta educativa da instituição, durante a visita realizada pelos estudantes da rede formal parceira.

A entrevistada ressaltou ainda que as ações educativas geralmente são realizadas em dias diferentes e podem ocorrer na escola, na instituição cultural e no entorno destas duas instituições. Desta forma, se dividem em três momentos: antes, durante e depois da visita. No primeiro momento, é realizado um trabalho com os professores, com os estudantes e com a comunidade escolar, no qual são abordados “alguns conceitos sobre arte, patrimônio, memória, identidade. Sempre adaptando à linguagem e à faixa etária de cada público”. Durante a visita ocorre uma mediação compartilhada entre os educadores do programa e os educadores do museu. Para a entrevistada, esta experiência no museu proporciona “uma mágica”. E essa mágica seria ainda melhor, quando uma pessoa que nunca foi a uma instituição cultural como o museu e que não teve contato com uma obra de arte, que está

meio com medo de falar bobagem, (...) meio travada, meio envergonhada e através da sua condição, das suas perguntas, das coisas que você puxa, da bagagem dela pessoal, ela começa a se soltar, daí ela começa a falar o que ela está vendo, o que está sentindo, percebendo. Então, este momento é um momento mágico, é um momento meio que emocionante e eu falo que isso realmente transforma as pessoas. (BERNADI, 2015).

No momento “depois” acontecem as oficinas criativas, que podem ser em diversas áreas: artes visuais, teatro, dança, música. “É o momento em que eles então vão expressar, fundamentar, tudo o que eles já vivenciaram durante todo este processo”. No final, há um momento de exposição, que não ocorre sempre e que acaba dependendo do recurso financeiro disponível; ou podem ocorrer, ainda, encontros de impressões com os relatos de cada participante sobre a experiência, exposição na própria escola, projeção de imagens dos trabalhos.

As ações educativas são direcionadas para três públicos distintos: professores, que participam de uma formação específica com duração de 20/24 horas em encontros

distintos que envolvem a visita ao museu; estudantes, com os quais são realizados, no mínimo, seis encontros (divididos entre a ida ao museu e entre encontros realizados na escola antes e depois desta visita) e comunidade, que é reunida uma vez. As suas iniciativas são pensadas, também, a partir da realidade cultural das turmas envolvidas, considerando as suas vivências para uma proposição dialógica “entre a bagagem cultural deste lugar, deste público, dos visitantes, dos estudantes, dos professores, deste bairro em contato com outro lugar, com outra paisagem, com outro universo”. Em entrevista cedida para o jornal O Tempo em novembro de 2009, Andreia ressaltou esta metodologia dialógica do programa, que parte do conhecimento estético de cada aluno, enfatizando que há sim uma contextualização da obra, do artista, mas que, antes de tudo, possuem como objetivo “que o estudante construa alguma relação com a obra”.

Esta preocupação justificaria o diagnóstico anterior que é feito para a compreensão da identidade cultural da comunidade que irá participar do trabalho, para identificar suas referências imagéticas e possibilitar, posteriormente, um “deslocamento intelectual, afetivo, sensorial”, que não seja impositivo e nem desconsidere as experiências de cada um. Como objetivo a médio e longo prazo, a coordenadora do programa afirmou que as ações são desenvolvidas para que os “estudantes possam, no futuro, ter mais autonomia para frequentar estes espaços (...) na observação, sobretudo; na expressão, não só expressão plástica, mas dizer o que está vendo, dizer do que gostou; dizer do que não gostou”. E que isso “possa refletir depois na vida (...). Estar mais apto, estar mais à vontade, a questionar as coisas da vida, a partir deste trabalho”.

2.1.3 Práticas Educativas Em Artes Visuais E Relação Museu De Arte/Escola

Como experiências de ensino de artes visuais instituídas a partir da relação museu/escola provocada pelo *Vamos ao Museu?* podemos citar duas vivências realizadas nos anos de 2006 e 2011, respectivamente.

No ano de 2006, estudantes do ensino médio e fundamental da Escola Estadual João Felipe da Rocha foram visitar o Museu de Arte da Pampulha e o Centro de Arte Contemporânea do Inhotim. Esta edição foi a edição piloto, consequência de um

projeto de estágio da coordenadora do programa para a universidade na qual fazia a sua formação em Arte Educação. Assim, os estudantes foram convidados a visitar dois espaços culturais com recursos próprios e a partir do apoio da prefeitura de Nova Lima. Neste ano, em função da relação entre meio ambiente e arte instituída pelo Inhotim, foi trabalhada, no retorno à escola, uma oficina de *frottage*⁵ com os estudantes, recolhendo texturas do entorno na escola e propondo criações a partir da atividade.

No ano de 2011, já com o recurso angariado por meio da Lei de Incentivo à Cultura, o trabalho foi realizado com a escola Estadual Maria Josefina Sales Wardi, no bairro Jardim Canadá, em Nova Lima, Minas Gerais. Nesta edição, foi feita uma parceria com o Museu de Arte da Pampulha que recebia a exposição “Museu: observatório” do artista plástico Eduardo Coimbra. O artista transferiu a paisagem externa do museu para a sua área interna, provocando reflexões sobre os limites do espaço museológico e a sua relação com a paisagem. Considerando a abordagem da exposição, o tema do *Vamos ao Museu?* para esta edição foi *Transpaisagem*, com o intuito de promover um olhar que fosse capaz de se deslocar através das paisagens observadas, descobrindo novas possibilidades até então não percebidas.

A partir de investigação sobre a realidade cultural comum aos estudantes, identificou-se que o bairro Jardim Canadá apresentava uma identidade confusa e frágil, em função, essencialmente, da presença massiva de empresas e outros estabelecimentos responsáveis por atrair pessoas de diversas regiões brasileiras – principalmente do nordeste do país. Além disso, notou-se que os jovens do bairro não tinham muito contato com iniciativas culturais na época. Neste contexto, devido a esta identidade difusa do bairro e da particularidade dos adolescentes de estarem vivenciado uma fase da vida característica por ser um momento de descoberta de si mesmo, foi desenvolvido material educativo para os professores em diálogo com esta realidade (Figura 4); proposta uma oficina de postais com a comunidade (Figura

⁵ A *frottage* é uma técnica por meio da qual é possível transferir a textura de alguma superfície para o papel, por meio da fricção deste sobre a superfície com a utilização de um lápis ou instrumento capaz de reproduzir a textura no papel. De acordo com Costa (2010, p.133) “é uma técnica de apropriação por atrito direto entre corpos”.

5) e convidados artistas (Figura 6) que trabalhavam com estêncil, para realizarem uma oficina com os estudantes depois da visita ao museu. Nesta oficina, os alunos foram fotografados e se valeram da técnica do estêncil para produzir imagens dos seus rostos, estampando o resultado em uma camiseta. Os estudantes também fizeram uma intervenção na quadra da escola, pintando os seus muros e colocando as imagens de seus rostos no local.



Figura 4. Caderno de Mediação. Material didático pedagógico. Disponível em: <<http://vamosaomuseu.com/?p=edicoes&id=114>>. Acesso em 7 de outubro de 2015.

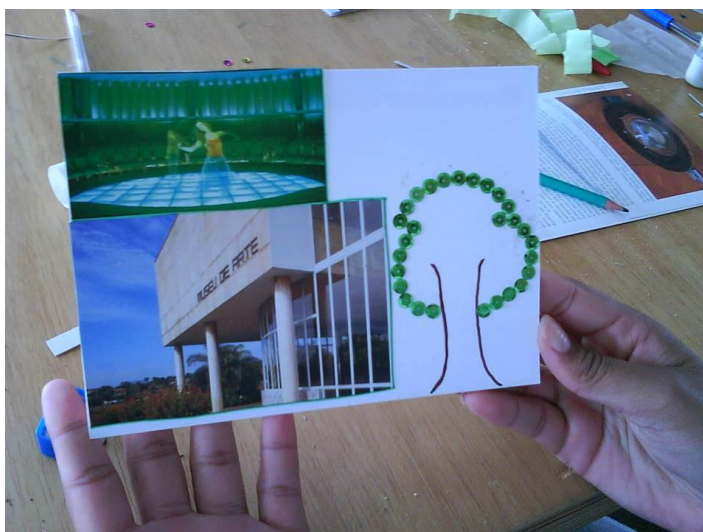


Figura 5. Oficina de postais realizada com a comunidade. Disponível em: <<http://vamosaomuseu.com/?p=edicoes&id=114>>. Acesso em 7 de outubro de 2015.



Figura 6. Intervenção na Escola Maria Josefina Sales Wardi, após a visita ao Museu da Pampulha no ano de 2011. Disponível em: < <http://vamosaomuseu.com/?p=edicoes&id=114>>. Acesso em 7 de outubro de 2015.

Cabe retratar aqui, também, a experiência do ano de 2009. Participaram desta edição, turmas da EJA – Educação de Jovens e Adultos do município de Nova Lima em Minas Gerais. Os estudantes visitaram as exposições “O Mundo Mágico de Marc Chagall” e “Rodin: do ateliê ao museu” na Casa Fiat de Cultura. Houve uma formação com professores, supervisores e diretores, que acompanharam os estudantes à visita e foram estimulados a articular os conteúdos vistos com as práticas pedagógicas da escola, além de terem visitado às exposições antes dos estudantes e serem provocados a atuar de forma transdisciplinar.

Depoimentos encontrados em vídeo do programa disponibilizado na internet - de educadores representantes das turmas que participaram da edição de 2009 enfatizaram a metodologia dialógica do programa. A então coordenadora da EJA, Marta Fernandes, ressaltou a importância do programa. De acordo com ela,

é uma experiência única, estar visitando o museu, fazendo oficinas relativas, então não estão sendo visitas isoladas, são visitas contextualizadas, dando sentido, né, respeitando a visão dos alunos (...) a gente vê esse retorno no olhar dos alunos, na participação deles, na vontade, no querer de estar junto (...) (FERNANDES, 2009).⁶

⁶ A citação da fala da então coordenadora da EJA, Marta Fernandes, e da professora Mara Mota da Escola Mara Mota foram retiradas de um vídeo institucional disponível na internet, por meio do seguinte endereço eletrônico: <<http://www.youtube.com/watch?v=405sPNGCrAQ>>

Mara Mota, então professora da Escola José Brasil Dias, ressaltou que o programa proporcionou aos alunos um “encontro com o patrimônio público. Um encontro orientado, organizado, discutido entre equipe de professores, coordenação, secretaria de educação e os alunos que são os nossos atores principais (...)” (MOTA, 2009).

Após a realização da visita, ainda ocorreram encontros para discussão e experimentação plástica das experiências vivenciadas, por meio de oficinas de artes visuais (pintura/fotomontagem sobre monotipia), poesia e teatro. Foram criados materiais didático-pedagógicos e, no final, avaliadas as iniciativas do programa.

É oportuno abordar também a última experiência, realizada em 2015, quando os alunos da Escola Harold Jones foram convidados a participar da exposição “Kandinsky – Tudo começa num ponto” no Centro Cultural Banco do Brasil. O trabalho do *Vamos ao Museu?* se baseou na relação do artista com as cores, formas (abstracionismo) e com as referências culturais advindas de viagens realizadas e que, de certa forma, influenciaram o seu trabalho.

Os encontros iniciais de sensibilização realizados com estudantes e professores, portanto, proporcionaram a elaboração de círculos cromáticos, o conhecimento do artista Wassily Kandinsky e de algumas paisagens de seu país de origem, além de uma vivência de contação de história com a narração do conto russo “Vasilissa, a Bela”. Os estudantes receberam, também, o material educativo oferecido pela instituição cultural onde a exposição foi realizada. No dia da visita, os alunos tiveram momentos de prática artística, realizando atividades no atelier aberto do Programa Educativo do Museu. Neste dia, eles ainda conheceram aspectos culturais da Praça da Liberdade e do seu Circuito Cultural. Após a visita, foram realizados mais dois encontros na escola, nos quais os alunos realizaram experimentações de colagens e pinturas com aquarela sobre o papel. As experimentações de colagem foram estimuladas a partir de uma provocação para a representação de formas, na qual foi suscitada a relação com a paisagem do bairro onde se localiza a escola, com a observação das diferentes formas encontradas na natureza (sendo estas já

comumente nomeadas ou não), a partir da realização de desenhos, de fotografias das paisagens encontradas e de imagens obtidas com o uso de visores com diferentes enquadramentos⁷. Para a prática de aquarela, de acordo com informação obtida por meio de uma conversa informal com a arte-educadora do programa, Lindaura Maia (Zelda), iniciou-se a contação de um conto tradicional, chamado “O Reino Branco”, que provocava para a importância das cores. Além disso, foi feita uma reflexão com os alunos sobre as cores primárias e secundárias. Para finalizar, foi montada uma exposição em um shopping de Nova Lima para que os alunos pudessem visitar e observar os seus trabalhos (Figuras 7 e 8). No dia da realização da entrevista, foi possível acompanhar um desses momentos, onde os alunos observaram o trabalho realizado por eles, lembraram momentos e conceitos abordados durante todo o processo e fizeram uma avaliação da experiência. De acordo com a coordenadora do programa, seria realizado, ainda, um encontro com educadores da escola, além dos que estavam presente no dia (diretora e uma professora), para esclarecer sobre toda a metodologia utilizada.



Figura 7. Trabalhos de colagem feitos a partir do conceito de abstracionismo. Foto da autora.

⁷ As informações relatadas sobre as ações educativas realizadas para a visita à exposição de Kandinsky foram obtidas, também, a partir de página em rede social do programa. Disponível em: < <https://www.facebook.com/Programa.Vamos.ao.Museu/?fref=ts>. Acesso em 6 de outubro de 2015.



Figura 8. Trabalho de aquarela sobre papel. Foto da autora.

A partir das informações levantadas sobre o programa *Vamos ao Museu?*, no próximo capítulo será feita uma discussão crítica em diálogo com as reflexões iniciadas no primeiro capítulo.

3. ANÁLISE DOS DADOS

O diálogo entre museu de arte e escola foi aqui exemplificado pela experiência do *Vamos ao Museu?*. A investigação das ações educativas do programa permitiu avaliar de que forma esta interlocução é suscitada, apontando caminhos possíveis para o desenvolvimento de um processo educativo em artes visuais que considere as possibilidades/restrições de cada forma de ensino (formal e não formal, no caso em questão).

As experiências com o *Vamos ao Museu?* e com a prática no campo da arte educação, permitiu que a coordenadora do programa fizesse uma avaliação crítica da situação do ensino de arte nas escolas e nos museus. As proposições revelaram a carência que ainda existe na rede formal, que concentra suas práticas pedagógicas em artes visuais em atividades de releitura, o que revela ainda certa influência da pedagogia tradicional, como apontado por Grinspum (2000). A perspectiva da livre expressão do movimento Escola Nova ainda influencia as ações dos professores de arte na escola, já que a entrevistada citou uma experiência que teve em uma escola ao trabalhar com o abstracionismo, onde detectou que os alunos eram incentivados a desenhar as formas livremente, o que sem uma contextualização e/ou outro estímulo para a criação, acabava limitando a expressão dos alunos e o que ocorria, muitas vezes, era a reprodução de formas simplistas e já muito banalizadas para a representação das coisas. Outras práticas revelaram que a Arte ainda não é um campo de conhecimento muito valorizado nas escolas e acaba sofrendo com a falta de material, com ausência de professores qualificados na área etc.

Com relação às práticas pedagógicas nos espaços museológicos, estas parecem ter se desenvolvido ao longo do tempo, adotando práticas educativas mais ligadas à perspectiva da mediação, mais provocativas e dialógicas, estimulando uma conexão entre arte e observador, partindo de uma tendência mais crítica, instigando ações de observação, experimentação e reflexão. Além disso, estas instituições, de acordo com a entrevistada, estão aprimorando o seu relacionamento com as escolas, que

representam o público quantitativamente mais significativo destes equipamentos culturais.

Analisando a metodologia de ensino em arte adotada pelo programa na relação museu/escola, percebe-se que esta se relaciona com o que Grinspum (2000) chamou de Educação para o Patrimônio. Desta forma, a metodologia considera a experiência sensível, reflexiva e o envolvimento pessoal com a vivência. Ao propor ações que abarcam os conceitos de cultura, memória e identidade, que são abordados a partir de etapas de sensibilização, observação, reflexão e expressão subjetiva, o programa reafirma esta forte relação com o patrimônio e assume a arte como um bem patrimonial.

A metodologia do *Vamos ao Museu?* se estabelece a partir da construção de um diálogo pedagógico entre instituições formais e não formais de ensino. Este diálogo acontece a partir da proposição de uma prática educativa, que ao se estabelecer nas bases da Educação para o Patrimônio, propõe um olhar diferenciado para o saber em arte, que se firma no seu reconhecimento enquanto expressão cultural. Para esta abordagem, o programa estrutura suas ações, fazendo uma analogia com as ideias de Allard e Boucher (apud MARTINS, 2011), a partir de iniciativas de diagnóstico, execução e avaliação, uma vez que atua em três eixos principais, divididos em momentos antes, durante e depois da visita.

O diagnóstico realizado junto à rede formal, após a definição da escola e da instituição que farão parte do programa, não representa uma tentativa de escolarização das práticas pedagógicas dos museus, como colocado por Lopes (1991), mas sim, a busca por considerar as vivências escolares no processo, pois, afinal, são estruturas de construção de conhecimento que influenciam cotidianamente os alunos. As práticas educativas dos museus também são consideradas, quando, ainda nesta fase, estas instituições são abordadas e busca-se conhecer o programa educativo estabelecido para a exposição em questão.

Após este primeiro momento, antes da visita e já na fase de execução, ocorrem ações de sensibilização para a ida ao museu, com a discussão de temas e conceitos

importantes identificados na etapa de diagnóstico, envolvendo, também, os conceitos de cultura, memória e patrimônio. Nesta fase, é oportuno ressaltar que há uma preocupação em envolver professores, estudantes e comunidade escolar, articulando possíveis conhecimentos, vivências e referências culturais já existentes.

Durante a visita, ainda na fase de execução, os educadores do programa realizam uma mediação em parceria com os educadores do museu e acontecem oficinas, observações e provocações para reflexão. A execução se estende para o momento posterior a visita, onde são realizadas oficinas criativas nas escolas, como forma de provocar a expressão subjetiva da experiência vivida, o que de acordo com Andréia de Bernardi, “é o momento em que eles então vão expressar, fundamentar, tudo o que eles já vivenciaram durante todo este processo”. Estas oficinas criativas não necessariamente estão relacionadas à linguagem da prática artística desenvolvida, mas sempre assumem particularidades da exposição visitada e buscam envolver a realidade cultural da escola. Para o encerramento do programa, ocorrem encontros para avaliação, exposição dos trabalhos plásticos realizados e/ou encontros para reflexão sobre a metodologia utilizada, o que dependerá do recurso financeiro disponível.

Para aprofundar a discussão sobre as ações educativas em artes visuais do *Vamos ao Museu?*, no campo da relação museu/escola, é oportuno compreender o conceito de museu adotado pelo programa. Questionada sobre o assunto, a coordenadora geral do programa enfatizou o vínculo deste espaço cultural com o seu acervo, e características decorrentes desta relação, tais como: preservação, exposição, mediação. Apesar destes aspectos apontados, chamou a atenção, também, o fato da entrevistada ter reconhecido o museu como um “espaço de patrimônio, de encontro, de trocas coletivas”. Esta percepção do seu caráter simbólico ampliou a atuação do programa, expandindo suas ações para outras instituições culturais, paisagens e territórios relevantes para a teia de significados na qual o indivíduo se reconhece e se questiona diante do processo histórico/cultural vivenciado.

É importante ressaltar que esta percepção dialoga com a perspectiva trazida por Menezes (2002, 18), para quem as instituições museológicas representam um espaço de memória, de identidade, propiciando um encontro entre “o ‘eu’ e o ‘mundo fora de mim’ (...)”. Esta ideia de interação existente, na qual o sujeito se apropria de outro tempo/espaço, a partir da (re) significação da sua identidade, perpassa o trabalho do *Vamos ao Museu?*, na medida que este traz como um dos eixos de suas ações, a necessidade do sujeito de se conhecer, de se posicionar perante o mundo. Esta iniciativa começa no momento do diagnóstico, no qual a realidade cultural/pedagógica da escola e do museu são investigadas.

Esta primeira etapa é essencial e, como ocorreu com a identificação da necessidade de (re) afirmação da identidade cultural dos estudantes do ensino fundamental da Escola Estadual Maria Josefina Sales Wardi, as atividades que se seguem são conectadas às informações obtidas nesta fase. Neste caso especificamente, os estudantes visitaram a exposição *Transpaisagens* no Museu de Arte da Pampulha e juntamente com a articulação entre a proposta da exposição – na qual o artista provoca um questionamento sobre os limites do museu e a sua relação com a paisagem externa, levando a um novo olhar sobre estes lugares. Como proposição, os alunos realizaram oficinas de estêncil, na qual retrataram seus rostos em camisetas, devido à identificação prévia da necessidade de (re) afirmação cultural dos alunos e da particularidade da adolescência de ser uma fase de descobrimento pessoal. A partir desta atividade, os alunos levaram a ressignificação proposta pela exposição para a escola, fizeram intervenções na quadra esportiva, colocando a imagem de seus rostos neste espaço. Assim, puderam refletir sobre o território de aprendizagem cotidiano do qual fazem parte e se perceberem como sujeitos ativos diante de uma rede formal que tem um processo pedagógico, muitas vezes, uniformizador e impessoal.

O processo de arte-educação, portanto, buscou articular a proposta da obra com a realidade cultural da escola. Vivências como estas são importantes quando se deseja promover realmente o encontro capaz de provocar conhecimento, na perspectiva de Menezes (2002), pois o sujeito precisa estar consciente de si para se

abrir e se aproximar do outro; outro que, no caso, é indicado por representações materiais e simbólicas do espaço e do tempo presentes nas instituições culturais.

Para o saber provocado a partir da relação museu de arte/escola, a realização deste encontro proporciona aos alunos a oportunidade de se perceberem enquanto indivíduos que fazem parte de uma dinâmica cultural e, que, portanto, são sujeitos capazes de produzir, interpretar e construir conhecimento em arte. Este posicionamento ativo é provocado pelo *Vamos ao Museu?* ao enfatizar a identidade cultural dos alunos e buscar propor ações que não desconsiderem as suas vivências e percepções do mundo e, assim, contribui para a autoestima deste estudante que se sente estimulado a questionar, a criticar e a refletir sobre tudo o que está sendo vivenciado. Como, por exemplo, pode-se citar a edição de 2015 do programa que, ainda que não tenha sido realizada em museu, foi realizada em uma instituição cultural de Belo Horizonte que costuma receber grandes exposições de arte. Após a ida à exposição do Kandinsky, os alunos fizeram desenhos de observação do entorno da escola, pesquisaram formas em fotografias tiradas pelo educativo do programa, observaram a paisagem por meio de recortes simulando diferentes enquadramentos. Ou seja, foram provocados a investigar a paisagem que faz parte do seu cotidiano e, a partir dela, compreender um pouco do universo do artista, partindo assim de sua realidade para contextualizar o trabalho de Kandinsky.

É oportuno lembrar também que provocar esta consciência de si contribui para que haja o estranhamento frente à nova possibilidade de ensino representada pelo museu, o que nas palavras da coordenadora do *Vamos ao Museu?*, seria um “deslocamento intelectual, afetivo, sensorial”. Para Menezes (2002), é esta abertura e capacidade de reconhecer/estranhar o novo que contribui para a compreensão do que é apresentado na instituição da rede não formal.

Pode-se dizer que as ações educativas do *Vamos ao Museu?* são baseadas também na perspectiva de mediação, considerando o conceito proposto por Martins (1999, p.112), pois “mobiliza buscas, assimilações, transformações, ampliações sensíveis e cognitivas, individuais e coletivas, favorecendo melhores qualidades na humanização dos aprendizes (...)”. Desta forma, esta mediação é realizada por meio

da provocação reflexiva dos arte – educadores buscando envolver o contexto cultural em que estão envolvidos, de oficinas criativas de expressão, de elaboração de material pedagógico para professores e alunos (quando há recurso disponível), ou seja, abarca a consideração do aspecto dialógico do saber.

Os arte - educadores do programa adotam esta perspectiva da mediação, buscando provocar os alunos para a reflexão e não somente repassando informações, como acontece em uma visita guiada tradicional. No momento da visita, a mediação é feita em parceria com os educadores do museu e, por já estar em contato com o universo dos alunos, a mediação pode ocorrer de maneira mais contextualizada com as interferências dos educadores do programa. Neste sentido, vale ressaltar a fala da então coordenadora da EJA, Marta Fernandes, durante a visita às exposições do Rodin e de Marc Chagall no ano de 2009, que enfatizou a importância do programa, pois de acordo com ela,

é uma experiência única, de estar visitando o museu, fazendo oficinas relativas, então não estão sendo visitas isoladas, são visitas contextualizadas, dando sentido, né, respeitando a visão dos alunos (...) a gente vê esse retorno no olhar dos alunos, na participação deles, na vontade, no querer de estar junto (FERNANDES, 2009).

Esta fala esclarece como os estudantes se entregam à experiência, quando contextualizada, o que, neste caso, é uma característica significativa, pois quando a mediação ocorre com um público que não tem o hábito de frequentar o museu, este parece demonstrar certa inibição. De acordo com a coordenadora do *Vamos ao Museu?* ocorre um receio de falar alguma coisa que possa ser percebida como bobagem pelos outros e, os alunos podem ficar contidos. Para Andreia, a partir das provocações feitas ao estudante que não é acostumado a ter esta vivência fora do ambiente escolar, das perguntas que são feitas e da bagagem cultural destes alunos, estes começam a se sentir mais à vontade e a se perceberem como um sujeito crítico e sensível diante de tudo o que está sendo vivenciado. “Então, este momento é um momento mágico, é um momento meio que emocionante e eu falo que isso realmente transforma as pessoas” (BERNADI, 2015). E por que transforma? Talvez transforme porque amplia a percepção, porque realmente causa um “deleite afetivo”, na perspectiva de Menezes (2002) e o estudante se reconhece

no outro, ao mesmo tempo em que se percebe um indivíduo capaz de se expressar, de refletir sobre referências diversas e de reconhecer a educação como um processo a ser vivenciado sob uma perspectiva integral e contínua.

É oportuno lembrar que os muros da rede formal, quando não ultrapassados, acabam estabelecendo, também, fronteiras para a educação, pois passam a impressão para os estudantes de que a educação só acontece no período escolar o, que de certa forma, faz com que estes restrinjam o seu universo de conhecimento a esses limites espaciais. Daí, também, a importância de que os estudantes tenham contato com outras possibilidades pedagógicas que os façam (re) significar a sua percepção, inclusive, sobre educação. A visita aos museus é uma dessas possibilidades fundamentais, principalmente se considerada a difícil realidade do ensino de arte nas escolas.

O programa também interfere na mediação entre arte e aluno que ocorre na sala de aula ao realizar encontros de formação do professor, revelando a metodologia utilizada e aspectos que podem ser trabalhados em aula em decorrência da visita realizada e contribuindo para que os professores possam ser multiplicadores da experiência.

Para o ensino de arte, os museus são construtores de experiência, como indicado por Barbosa (2004). Para além das experiências de fruição estética com as obras, os museus são, como considerado por Menezes (2002), espaços de representação que contribuem para que o sujeito possa significar o mundo. Assim, o museu de arte, instiga a percepção da expressão do homem, provocando experiências de fruição estética, de encontro cultural, de reconhecimento do ser humano como um ser criador, capaz de dar sentido ao mundo a partir de todas as suas inquietações/reflexões pessoais.

As escolas, por sua vez, são espaços de desenvolvimento de relações cotidianas, de vínculo afetivo e de proximidade entre educadores e alunos. São lugares que deveriam tornar possíveis a experimentação e a reflexão constante, a partir da troca de conhecimento. No entanto, é importante considerar que ainda que exista um

desenvolvimento considerável das práticas de ensino de arte nos museus voltadas para o público escolar, de acordo com a experiência prática da entrevistada do *Vamos ao Museu?*, a realidade do ensino da arte nas escolas ainda, na maioria das vezes, permanece bastante defasado. Este fato limita a relação museu de arte/escola, já que em uma discussão sobre metodologia entre os educadores das duas redes de ensino, a reflexão acaba sendo direcionada para a perspectiva de formação dos professores. Ou seja, quando a realidade dessas escolas marginaliza o conhecimento em Arte e suas práticas ficam aquém dos avanços obtidos no campo teórico, no momento de encontro entre as instituições, perde-se em possibilidade de se construir novas propostas de ensino a partir das experiências cotidianas no campo escolar. Como apontado por Koptke (*apud* MARTINS, 2006), estabelecer esta parceria entre o museu e a escola requer uma articulação entre as práticas pedagógicas desenvolvidas por cada uma dessas instituições, para que, a partir da necessidade de ultrapassar as fronteiras existentes, possa se desenvolver uma nova possibilidade de ensino.

Pode-se dizer que a construção de uma relação sólida entre museu de arte/escola com base na perspectiva da educação para o patrimônio, valoriza as referências culturais/ imagéticas dos estudantes, professores e problematiza as novas referências abordadas pelo museu, estimulando uma perspectiva cotidiana de interpretação, de sensibilização e de construções afetivas e cognitivas do conhecimento em Arte a ser provocado, também, em sala de aula. O ensino de artes visuais a partir da perspectiva da educação para o patrimônio estimula um olhar para a arte como uma expressão cultural, cuja materialidade é repleta de simbolismo e referências e deve ser interpretada para fazer parte da memória social. Esta percepção ajuda a pensar iniciativas que busquem conhecer o contexto cultural da obra/artista, a refletir sobre o processo de criação do artista a partir das conexões com a realidade local, a fazer a leitura da obra a partir das possíveis referências imagéticas dos alunos e a ter uma experiência subjetiva/afetiva com a exposição a partir da vivência em experimentações plásticas.

A construção da relação museu/escola a partir de iniciativas de diagnóstico, execução e avaliação demonstram, portanto, que a experiência vivenciada no

museu não se restringe a este espaço e, ao ser levada para o cotidiano escolar, revela que a experiência estética a serviço da arte-educação desencadeia um processo contínuo de busca, de reflexão, de inquietação, a partir de proposições que assumam o museu mais como um “espaço de questionamentos e de indagações do que de respostas” (MENEZES, 2002, p.39).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste estudo revelou uma experiência de ensino de artes visuais voltada para a Educação para o Patrimônio, em uma perspectiva de construção de relações entre museu e escola. Inicialmente, a partir da experiência da coordenadora do programa *Vamos ao Museu?* e considerando as reflexões levantadas no primeiro capítulo por diferentes autores, foi possível fazer, também, uma reflexão sobre o panorama do ensino de arte nestas instituições. Pode-se considerar que o diálogo entre elas foi se firmando com o desenvolvimento tanto dos setores educativos dos museus quanto das teorias pedagógicas que influenciaram a atuação das redes formal e não formal de ensino.

À medida que as reflexões sobre as práticas pedagógicas nas escolas foram se desenvolvendo e incorporando outras abordagens para o ensino de arte, os museus também sofreram influências destas diferentes teorias e foram incorporando outras formas de provocar o ensino em arte. Assim, se inicialmente, no Brasil, estes espaços culturais refletiam as aspirações modernistas de livre expressão características do movimento Escola Nova, com o passar do tempo, foram incorporando as perspectivas da abordagem triangular, com a proposição de atividades de leitura, prática e contextualização da obra de arte e aprimorando o contato subjetivo com as obras, com ênfase na experiência pessoal, na observação; o que foi estimulado inicialmente pelas concepções que surgiram no contexto após as pedagogias tradicionais inspiradas no método trazido pelo manual *Lições de Coisas*.

As escolas, por sua vez, também sofreram as influências das diferentes concepções ideológicas sobre o ensino de arte, mas, muitas vezes, como ressaltado pela coordenadora do programa *Vamos ao Museu?*, quando essas enfrentam uma difícil realidade com falta de material, de professor qualificado e com o descaso que a Arte é tratada enquanto campo de conhecimento, suas práticas ficam limitadas e acabam não refletindo os avanços já alcançados no campo teórico.

Uma questão a ser lembrada neste contexto das escolas que participaram do programa se refere à defasagem do ensino de arte nas escolas e, muitas vezes, a

falta de preparo dos professores para lidar com esta de conhecimento de maneira significativa. Essa realidade faz com que a relação museu/escola suscitada identifique a necessidade de formação dos professores, o que faz com que de alguma forma este encontro pedagógico em artes visuais entre estas duas instituições acabe perdendo um pouco em possibilidades de articulação de práticas, a partir de reflexões que poderiam surgir de métodos de ensino diversos, considerando que a abordagem de educação patrimonial desenvolvida pelo *Vamos ao Museu?* é uma dentre diversas possíveis.

Por outro lado, cabe ressaltar que apesar das dificuldades encontradas, muitos professores de arte da rede pública mantêm um posicionamento crítico perante a sua atividade e estão continuamente buscando alternativas para provocar o ensino de arte de maneira significativa, construindo práticas diferenciadas em conjunto com seus alunos e valorizando o processo de aprendizado neste campo de conhecimento. Procurar por essas iniciativas pode contribuir muito para o diálogo pedagógico entre o museu e a escola, revelando novos percursos a partir de proposições que só podem ser reveladas pelo processo que é desenvolvido diariamente por meio do contato entre os professores e os alunos.

A experiência do *Vamos ao Museu?* demonstrou que um encontro entre as redes formal e não formal de ensino deve se basear no conhecimento das realidades das instituições, do programa pedagógico desenvolvido por cada uma e das possibilidades que podem ser realizadas, a partir das necessidades levantadas e da experiência a ser provocada com a visita ao museu. Assim, esta visita nunca acontece de maneira isolada.

A abordagem da educação patrimonial proposta pelo *Vamos ao Museu?* faz com que a arte seja reconhecida como uma expressão cultural, cuja materialidade e caráter simbólico das obras expostas nos museus sejam discutidas e vivenciadas a partir das referências dos participantes do programa. Assim, ocorre um processo de interpretação do trabalho artístico em foco na exposição visitada, com vivências de observação, expressão e contextualização da obra. Com essa valorização da identidade cultural dos alunos, há uma aproximação com a Arte, pois o sujeito se reconhece também como um ser dotado de possibilidades de expressão, seja por

meio da criação artística ou pelo seu posicionamento crítico frente ao que estiver sendo experienciado.

Quando o estudante confere significado à experiência a partir do seu universo ele passa, a partir deste encontro, a dar um novo sentido para o seu cotidiano. Desta forma, o aluno passa a vincular a educação como um processo integral, que pode ter a escola, o lugar representativo do cotidiano educacional, como um espaço criativo, que instiga a reflexão, promove encontros e se abre para novas possibilidades de conhecimento.

A propósito dessas afirmações, em função das limitações encontradas durante a realização desta pesquisa, como a dificuldade de contato com a coordenadora do programa *Vamos ao Museu?* após a realização da entrevista para maiores esclarecimentos sobre as ações educativas do programa e a necessidade identificada de obter outras informações à respeito das suas intervenções sob diferentes pontos de vista, é importante realizar outros estudos que busquem conhecer os desdobramentos das ações despertadas pelo *Vamos ao Museu?*. Assim, sugere-se que sejam realizados outros estudos que possam se basear no acompanhamento direto por parte do pesquisador de todo o processo de uma edição do programa e que busquem avaliar criticamente a construção de conhecimento em Arte provocada pelo programa a partir da percepção de outros envolvidos, tais como: alunos, professores, arte - educadores dos espaços museológicos.

No que concerne a este estudo, foi identificado que a relação entre museu de arte/escola em uma perspectiva de ensino de Arte deve considerar primeiro a necessidade de perceber o museu como um local de encontros culturais, onde é possível experienciar de maneira sensível as criações do homem ao longo do tempo e conferir significado para essa vivência. Além disso, é preciso reconhecer que esse significado só pode ser construído por um processo de reflexão, de contato, de prática, de estabelecimento de conexões com o novo e com a identidade cultural já presente em cada um. Um conhecimento que é, portanto, um processo conectado ao que é desenvolvido nas escolas e que, assim como relatado no contexto histórico

das teorias pedagógicas que influenciaram o ensino de arte ao longo do tempo, é sempre reinventado e/ou criado, dando um novo sentido para as práticas educativas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Adriana Mortara. Desafios da Relação Museu – Escola. **Comunicação & Educação**, São Paulo, 10, 1997, p.50 -56.

BARBOSA, Ana Mae. Mediação cultural é social. In: BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão (orgs.). *Arte/Educação como mediação cultural e social*. São Paulo: Editora UNESP, 2009, p.13-22.

BARBOSA, Ana Mae. Arte-educação em um Museu de Arte. **Revista USP**, São Paulo. jun, jul, ago. 1989. Disponível em: <<http://www.usp.br/revistausp/02/18-anamae.pdf>>. Acesso em 03 de junho de 2015.

BARBOSA, Ana Mae. *Museus como laboratórios*. In: Revista Museu – Artigos [2004]. Disponível em: <http://www.revistamuseu.com.br/artigos/art_.asp?id=3733>. Acesso em: 02 de junho de 2015.

BERNARDI, Andréia Menezes de. Andréia Menezes de Bernardi: depoimento [outubro, 2015]. Entrevistadora: Ticiane Flávia Martins da Cruz. 1 arquivo. Mp3 (48min).

COSTA, Luiz Cláudio da. A transferência como invenção nos trabalhos de Malu Fatorelli. *Revista Poiesis*. Rio de Janeiro: UFF, n.16, p.132-145, dez de 2010. Disponível em: <http://www.poiesis.uff.br/PDF/poiesis16/Poiesis_16_ART_Fatorelli.pdf>. Acesso em 25 de outubro de 2015.

FISCH, Carolina Betioli Ribeiro. A formação do arte – educador frente à epistemologia do ensino na arte: relações, contradições e perspectivas. 2006.113f. Dissertação (Mestrado em Educação). Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas – São Paulo, 2006. Disponível em: http://www.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=86. Acesso em 14 de dezembro de 2015.

FRONZA-MARTINS, A. S. Da magia a sedução: a importância das atividades educativas não formais realizadas em museus de arte. Campinas: UNICAMP, 2006. Disponível em: < http://fvcb.com.br/site/wp-content/uploads/2012/05/Canal-do-Educador_Texto_Da-magia-a-sedu%C3%A7%C3%A3o.pdf> . Acesso em 03 de junho de 2015.

GRINSPUM, Denise. *Educação para o patrimônio: museu de arte e escola – responsabilidade compartilhada na formação de públicos*. Tese (Doutorado). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. *O que é museu*. Disponível em: < <https://www.museus.gov.br/os-museus/o-que-e-museu/>>. Acesso em 05 de setembro de 2015.

LOPES, M. M. A favor da desescolarização dos museus. **Educação e Sociedade**. São Bernardo do Campo. Instituto Metodista de Ensino Superior, n.40, 1991, p.443-455.

MARTINS, Luciana Conrado. A relação museu/escola: teoria e prática educacionais nas visitas escolares ao Museu de Zoologia da USP. 2006. 245f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: < www.teses.usp.br/teses/.../48/.../LUCIANA_CONRADO_MARTINS.pdf>. Acesso em 02 de setembro de 2015.

MARTINS, Luciana Conrado. A constituição da educação em museus: o funcionamento do dispositivo pedagógico museal por meio de um estudo comparativo entre museus de artes plásticas, ciências humanas, ciências e tecnologia. Tese (Doutorado). Faculdade de Educação – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

MARTINS, Mirian Celeste Dias. Arte. O seu encantamento e o seu trabalho na educação de educadores. A celebração de metamorfoses da cigarra e da formiga. Tese (Doutorado) São Paulo: USP, Faculdade de Educação, 1999.

MARTINS, Mirian Celeste Dias. Mediação: Tecendo encontros sensíveis com a arte. São Paulo: ARTEunesp, vol.13, 1997, 221-234. Disponível em: <http://www.academia.edu/8939717/Arte_o_seu_encantamento_e_o_seu_trabalho_na_educacao_de_educadores_a_celebracao_de_metamorfoses_da_cigarra_e_da_formiga>. Acesso em 02 de junho de 2015.

MENEZES, Ulpiano T. Bezerra de. O museu e o problema do conhecimento. In: Anais do IV Seminário sobre Museus-casas: Pesquisa e Documentação. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2002. p. 17-39. Disponível em: <<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=BibObPub&PagFis=870&Pesq=ulpiano>>. Acesso em 02 de setembro de 2015.

MOURA, Lídice Romano de. Arte e educação: uma experiência de formação de educadores mediadores. 2007. 185f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista, São Paulo.

PINHEIRO, Maria de Paula. *Ensino de arte em museus da cidade de São Paulo: tópicos modernos e contemporâneos*. 2014. 162f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.

TEIXEIRA COELHO NETO, José. Dicionário Crítico de Política Cultural. São Paulo: Iluminuras, 1997.

VAMOS AO MUSEU? Disponível em :
<https://www.youtube.com/watch?v=405sPNGCraQ>. Acesso em 10 de outubro de 2015.

VAMOS AO MUSEU? Disponível em: Disponível em:
<https://www.facebook.com/Programa.Vamos.ao.Museu/?fref=ts>. Acesso em 6 de
outubro de 2015.